

Cai um defensor dos juros altos nos EUA

Depois de muitas divergências com diversas áreas responsáveis pela atual política econômica norte-americana, o chefe do conselho de assessores econômicos da Casa Branca, Martin Feldstein, enviou ontem ao presidente Ronald Reagan sua carta de demissão, informando que deixará o cargo no próximo dia 10 de julho. Numa entrevista coletiva, Feldstein disse que voltará à Universidade de Harvard, onde é professor de Economia (atualmente de licença); ele pretende também presidir a Junta Nacional de Pesquisas Econômicas, um grupo particular de estudos e projeções.

Antes de pedir demissão, Martin Feldstein falou sobre os países endividados, e sugeriu às nações latino-americanas que desvalorizem suas moedas para combater a inflação e colocar sua produção interna em condições competitivas para a exportação. A sugestão opõe-se ao critério generalizado dos governos norte-americanos, que pressionam os países industrializados para que estes busquem novas formas para combater a recessão econômica e os problemas da dívida externa.

A sugestão de Feldstein foi feita pouco depois que dois dos principais bancos privados dos Estados Unidos aumentaram em 0,5% a taxa de juros preferencial (prime rate) com o consentimento da Reserva Federal (o Banco Central norte-americano). Na última terça-feira, a prime rate chegou a 12,5% — o terceiro aumento em menos de sete semanas e o maior desde outubro de 1982.

A alta da taxa de juros gerou críticas imediatas nos setores econômicos. A Casa Branca culpou Feldstein e a Reserva Federal de atentar contra os esforços que estão sendo feitos para manter a lenta recuperação da economia dos EUA. Analistas latino-americanos criticaram a sugestão de Feldstein sobre a desvalorização das moedas, e disseram que ele ignora a realidade da região. Como exemplo, apontaram os recentes e graves distúrbios na República Dominicana, após a aplicação do programa de ajuste econômico, e o grave problema social surgido na Bolívia depois de uma das mais drásticas desvalorizações monetárias.

Feldstein defendeu a Reserva Federal, que foi acusada pelo porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes, de não estar emitindo dinheiro suficiente para fazer frente às demandas de uma economia em crescimento. Martin disse que as medidas da Reserva não eram de todo inadequadas. Mas a sua principal divergência com a política econômica de Reagan diz respeito ao imenso déficit federal, que provavelmente alcançará, este ano, US\$ 180 bilhões.